



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



## **O desmatamento na Revista Cenarium: uma análise de reportagem<sup>1</sup>**

Renata de Lima Sousa<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amazonas

### **Resumo**

Neste estudo, investigo como se apresentam a transversalidade temática e a contextualização em uma reportagem da Revista Cenarium sobre desmatamento. No referencial teórico, mobilizo a perspectiva de jornalismo ambiental como atividade que deve pautar o meio ambiente a partir da complexidade que lhe é inerente. A noção de contextualização é entendida como exercício interpretativo realizado pelo jornalista. Orientada metodologicamente pela Hermenêutica de Profundidade, busco inferir sentidos na narrativa construída na reportagem. Identifico um esforço de contextualização, ainda que com limitações na pluralidade de vozes, e uma relação transversal da temática ambiental com a economia e a política.

**Palavras-chave:** jornalismo ambiental; desmatamento; contextualização; Revista Cenarium.

### **Introdução**

Retratada pela exuberância de sua fauna e de sua flora, ou pelo viés de mistério e/ou exotividade que os estereótipos tentam tipificá-la, ou ainda pelo seu papel fundamental na manutenção do equilíbrio climático do planeta, a Amazônia é uma velha conhecida da cobertura jornalística nacional e internacional. Nos últimos anos, o tom da mídia é de preocupação diante do cenário de aumento considerável do desmatamento na região, em especial nos últimos dois anos.

É objetivo deste estudo investigar como se apresentam a transversalidade temática e a contextualização em uma reportagem da Revista Cenarium sobre o desmatamento na Amazônia Legal. Adoto como orientação metodológica deste estudo a Hermenêutica de Profundidade (HP), proposta por Thompson (2011). A HP se organiza em três fases: análise sócio-histórica, que busca investigar o contexto mais amplo em que as produções simbólicas se organizam; a análise formal, que se dedica a estudar as produções simbólicas a partir de sua estrutura articulada e de sua organização interna; e,

---

1 Trabalho apresentado no GT 1 – Comunicação, Ciência, Saúde e Meio Ambiente do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

2 Jornalista, mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



por fim, a interpretação/reinterpretação, que se constrói a partir de uma síntese da análise sócio-histórica e da análise formal e, ao mesmo tempo, se apresenta como um processo de reinterpretação, pois “as formas simbólicas que são o objeto de interpretação são parte de um campo pré-interpretado, elas já são interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico” (THOMPSON, 2011, p. 376). Portanto, propõe-se significados possíveis, que não podem ser tomados de forma determinante e absoluta.

### **Desmatamento em pauta**

A diversidade biológica e o seu papel no equilíbrio climático do planeta coloca a Amazônia no centro da preocupação ambiental. Nos últimos anos, em especial a partir da ascensão do Governo Bolsonaro ao poder executivo, a Amazônia vem ocupando cada vez mais as pautas jornalísticas com o aumento considerável do desmatamento no bioma e com a condução atual da política ambiental.

Dados do Prodes<sup>3</sup> dos últimos 10 anos (Gráfico 1) mostram o porquê do desmatamento na Amazônia ganhar contornos preocupantes e ser mais debatido nos meios de comunicação, ainda que, é importante ressaltar, o desmatamento não seja o único problema ambiental presente no bioma. De 2018 para 2019, houve um aumento de 34,4% nas taxas de desmatamento na Amazônia Legal. No ano seguinte, um novo aumento de 7,1%. O Relatório Anual de Desmatamento no Brasil 2020 (MAPBIOMAS, 2021) informa que há indícios de irregularidade ou ilegalidade em 99,8% dos alertas<sup>4</sup> de desmatamento em 2020 no Brasil, apontando para a forte atuação de atividades ilegais.

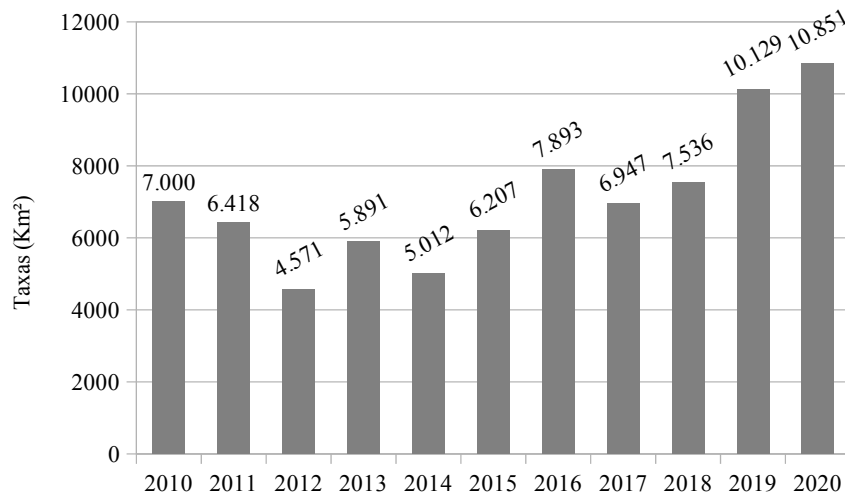
---

3 Projeto do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, que realiza o monitoramento via satélite do desmatamento por corte raso na Amazônia Legal e produz, desde 1988, as taxas anuais de desmatamento da região. Os dados estão disponíveis na Plataforma Terra Brasilis (<http://terrabilis.dpi.inpe.br/>), do Inpe, e são baseadas em áreas maiores que 6.25 hectares.

4 Alertas gerados pelo DETER (Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real do INPE), SAD (Sistema de Alerta de Desmatamento do Imazon, na Amazônia), SAD Caatinga (Sistema de Alerta de Desmatamento da Caatinga), GLAD (Global Land Analysis and Discovery para o Pampa, o Pantanal e a Mata Atlântica) e SIRAD-X (Sistema de detecção de desmatamento por radar para a Bacia do Xingu).



**Gráfico 1 – Taxa de desmatamento na Amazônia Legal (2010-2020)**



Fonte: PRODES, 2021.

Somados aos dados de desmatamento crescente, os discursos e as práticas de desarticulação da política ambiental do Governo Bolsonaro explicam uma maior preocupação dos veículos de imprensa sobre a temática ambiental. Em um estudo sobre a cobertura ambiental do Jornal Nacional no primeiro semestre de 2019, as pesquisadoras Girardi, Loose e Steigleder (2020) identificam um “efeito Bolsonaro” no aumento da cobertura do noticioso sobre mudanças climáticas. A presença do tema meio ambiente nos meios de comunicação é um fator importante para o jornalismo ambiental, mas é preciso ter um olhar atento para como a pauta meio ambiente é tratada no jornalismo brasileiro.

### **Jornalismo ambiental e complexidade**

Mais do que quantidade, é preciso que a cobertura midiática sobre meio ambiente seja pautada pela qualidade, buscando compreender a temática a partir da complexidade que lhe inerente. É importante superar a noção fragmentada da realidade, que compartimenta o social e trata os âmbitos humano e natureza como instâncias separadas.

Fundamentos em uma perspectiva sistêmica e complexa, Girardi, Schawaab, Massierer e Loose (2012) realizam uma distinção entre jornalismo ambiental e



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



jornalismo sobre meio ambiente: este, mais comum nos meios de comunicação, promove uma cobertura pontual, factual e programada do meio ambiente; enquanto o jornalismo ambiental é entendido como prática engajada, que busca entender o meio ambiente a partir de suas interligações com a cultura, a política, a economia e as questões sociais.

De uma oferta de informação ambiental desconexa, a sociedade precisa ser confrontada com a abordagem sobre os fatores que, interligados, dão origem aos graves problemas socioambientais na construção da cidadania ambiental. (GIRARDI; SCHWAAB; MASSIERER; LOOSE, 2012, p. 139).

Existe um esforço de investigação, empreendido de forma destacada pelo Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental, ligado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para a identificação de pressupostos epistemológicos do jornalismo ambiental, a saber: ênfase na contextualização; pluralidade de vozes; assimilação do saber ambiental; cobertura sistêmica e próxima à realidade do leitor; comprometimento com a qualificação da informação; responsabilidade com a mudança de pensamento (LOOSE; GIRARDI, 2017); e incorporação do princípio da precaução (GIRARDI et al., 2020). Para os objetivos deste trabalho, destaco o pressuposto da ênfase na contextualização, que está fortemente atrelado à perspectiva da complexidade.

Ana Paula Lückman e Virginia Pradelina da Silveira Fonseca (2017), ao estudarem as noções de contexto e contextualização em jornalismo, dão ênfase ao papel interpretativo do jornalista, que atua como agente produtor de sentidos diante do intenso fluxo informativo e que assume a complexidade como um exercício cognitivo, como propõe Morin (2010). As autoras definem a ação de contextualizar em jornalismo assim:

1) fornecer um background o mais detalhado possível dos acontecimentos já noticiados a respeito do mesmo tema gerador da notícia, dentro dos limites de espaço ou tecnologias disponíveis; 2) oferecer ao leitor/espectador o máximo possível de informações relevantes relacionadas aos antecedentes históricos e sociais do acontecimento transformado em notícia, que o ajude a compreender esse acontecimento, relacionando-o com seus aspectos particulares, em movimento dialético com o singular e o universal, como propõe Genro Filho. (LÜCKAMN; FONSECA, 2017, p. 172)



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



Nesse sentido, a prática de um jornalismo ambiental contextualizado exige do jornalista um postura interpretativa e investigativa, que compreende que um fato/acontecimento jornalístico não se reduz a si mesmo no quadro social. Os fenômenos sociais estão interconectados e para compreendê-los e reportá-los de forma profunda não se pode se restringir à superfície. O desmatamento, portanto, precisa ser tratado a partir da transversalidade temática, da sua conexão com um modelo de desenvolvimento que mercantiliza a natureza e coloca em risco a sobrevivência de ecossistemas e de povos que dependem diretamente desses biomas.

### **O desmatamento na Revista Cenarium**

A Revista Cenarium<sup>5</sup> é um periódico impresso mensal, também disponível em versão digital, e é produzida pela agência de mesmo nome. A Revista possui circulação em Manaus, Belém e São Paulo.

Para a realização deste estudo, o recorte de análise foi estabelecido a partir do gênero reportagem. Schwaab (2018, p. 71) considera a reportagem “como expressão máxima do viés interpretativo do Jornalismo e sua capacidade de ação”, dada às suas características de produção e de produto final que requerem atividades de investigação, aprofundamento, contextualização e construção de conexões, que dialogam com o pensamento socioambiental. Ao tratar sobre o gênero, Lage (2015) aponta a centralidade da reportagem no mundo contemporâneo pelo seu caráter interpretativo e explicativo dando uma possibilidade de organização e entendimento diante das transformações constantes. Assim, entendo que a reportagem se mostra um produto privilegiado para entender estratégias e construções narrativas por meio da contextualização no jornalismo e permitindo a transversalidade temática.

Tendo como foco o jornalismo ambiental, foi selecionada a reportagem de capa da Revista Cenarium da edição nº 13, de julho de 2021, com o título “Custo Devastação”, de autoria de Marcela Leiros. A reportagem, publicada na editoria “Meio

---

<sup>5</sup> [www.revistacenarium.com.br/](http://www.revistacenarium.com.br/)



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



Ambiente & Sustentabilidade”, aborda o desmatamento na Amazônia e seu impacto na economia. É composta por oito matérias cujos dados são apresentados na tabela 1.

**Tabela 1 – Matérias da reportagem “Custo Devastação”**

<b>Título</b>	<b>Paginação</b>
Amazônia cobra a fatura	p. 08-09
Desmatamento galopante	p. 10-11
“Rios Voadores”	p. 12-13
Baque na economia	p. 14-15
Desmonte e “boiada”	p. 16-19
Esforços estaduais	p. 20-23
Povos da floresta sentem impactos	p. 24-25
Previsão: fogo!	p. 26-27

Fonte: A autora (2021)

Para proceder a análise da reportagem, busco na HP um caminho metodológico para inferir sentidos possíveis para além da camada superficial do texto. Seguindo as fases da HP, após a análise sócio-histórica, que buscou compreender a situação atual do desmatamento da Amazônia, encaminho o estudo para a fase da análise formal.

Com o corpus da pesquisa selecionado, foi realizado uma leitura flutuante<sup>6</sup> a fim identificar os tópicos abordados na narrativa na primeira camada do texto. Em seguida, o texto da reportagem foi processado no *software* livre Iramuteq<sup>7</sup> para realização de análise lexical por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD)<sup>8</sup>.

6 Segundo Bardin (1977), a leitura flutuante é um dos primeiros passos da análise de conteúdo e busca aproximar o investigador dos documentos em estudo para desenvolver as primeiras impressões sobre o material. Apesar de não adotar a análise de conteúdo proposta por Bardin como técnica de análise, acredito que a leitura flutuante contribui para a aproximação com a narrativa.

7 Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. Entre suas funcionalidades, o software possibilita a análise lexical de corpus textuais. É importante ressaltar que o Iramuteq não realiza a análise pelo pesquisador. Sua contribuição se limita à identificação e organização do vocabulário do texto, sendo responsabilidade do pesquisador a análise e as inferências a partir dos resultados apresentados pelo software. [www.iramuteq.org](http://www.iramuteq.org).

8 A CHD, também conhecida como método de Reinert, realiza a classificação do corpus em função de seu vocabulário, construindo classes de palavras a partir da presença ou ausência de formas reduzidas, os lemas (CAMARGO; JUSTO, 2018).

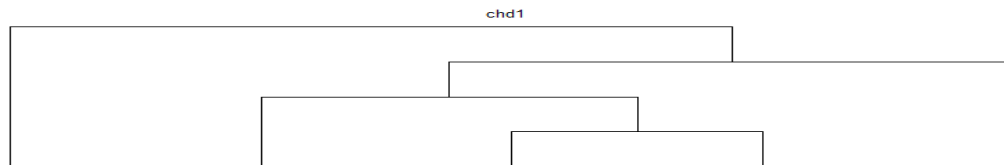


**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



O corpus do estudo, composto de oito matérias, foi dividido em 202 segmentos de texto (ST)<sup>9</sup>, apresentando 1.914 formas distintas e 1.480 lemas<sup>10</sup>. A retenção de segmento de textos foi de 79,21%. A CHD gerou um dendograma<sup>11</sup> após quatro partições dos ST, produzindo cinco classes de vocabulário distintos. Na figura 1, é possível verificar as classes geradas; suas conexões a partir das partições; o número de ST que compõe cada classe e sua representação em porcentagem em relação ao total de segmentos de textos retidos na CHD; e o vocabulário de cada classe por ordem de Chi<sup>2</sup> (X<sup>2</sup>)<sup>12</sup>. A nomenclatura de cada classe foi definida com base na referência dos vocabulários ao texto da reportagem e no embasamento teórico do estudo.

**Figura 1** – Dendograma da reportagem “Custo Devastação” da Revista Cenarium



<b>Política antiambiental e repercussão na Amazônia</b> 25 ST (15,62%)		<b>Perdas econômicas e ciclo da água</b> 27ST (16,88%)		<b>Desmatamento nos territórios da Amazônia Legal</b> 38 ST (23,75%)		<b>Ações e desafios estaduais</b> 27 ST (16,88%)		<b>O desmatamento em dados</b> 43 ST (26,88%)	
<b>Palavra</b>	<b>X<sup>2</sup></b>	<b>Palavra</b>	<b>X<sup>2</sup></b>	<b>Palavra</b>	<b>X<sup>2</sup></b>	<b>Palavra</b>	<b>X<sup>2</sup></b>	<b>Palavra</b>	<b>X<sup>2</sup></b>
Salles	57.6	econômico	40.66	território	20.01	fiscal	20.21	mês	35.3
Ibama	45.47	perda	29.94	terra	18.82	ambiental	18.18	ano	32.38
ICMbio	33.66	causar	20.28	ranking	16.57	crime	15.53	Km <sup>2</sup>	30.11
presidente	33.66	ciclo	20.21	indígena	13.17	possibilidade	15.06	recorde	29.02
ministro	33.66	afetado	20.21	vender	13.17	estimular	15.06	dado	22.91
política	27.87	estudo	19.63	grileiro	13.17	Amazonas	13.19	Inpe	19.92
Bolsonaro	27.87	região	16.29	gente	12.21	economia	11.02	alto	16.96

9 O segmento de texto é resultado da divisão do corpus, realizada de forma automática pelo Iramuteq, com um tamanho mais ou menos de três linhas. Segundo Camargo e Justo (2018, p. 10), os ST “são os ambientes das palavras”.

10 Lematizar as palavras é o processo de redução das várias flexões em uma base comum. Assim, “falaram”, “falou” e “falasse”, por exemplo, são reduzidos para a forma básica “falar”. Os substantivos e os adjetivos são reduzidos ao masculino singular e os verbos, ao infinitivo.

11 Representação gráfica das classes de palavras de um corpus.

12 O Chi<sup>2</sup> representa a força de ligação entre a palavra e a classe (SALVIATI, 2017).



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



ex-ministro	27.87	fogo	15.53	Rondônia	12.21	florestal	11.02	desmatar	15.86
Anti ambiental	22.15	climático	15.06	secretário	10.38	recurso	10.17	registrar	15.32
STF	22.15	pasto	15.06	protegido	9.82	além	9.88	incêndio	14.04

Fonte: A autora (2021)

“Política antiambiental e repercussão na Amazônia” é a classe que apresentou estabilidade já na primeira partição do corpus. A classe representa o contexto político construído pela narrativa da reportagem para entender a situação do desmatamento da Amazônia. Nesta classe, destacam-se as ações, as omissões e os discursos que caracterizam a atual política ambiental, a qual uma fonte da reportagem define como “antiambiental” e, indicando um posicionamento crítico, o termo é assumido ao longo das matérias.

O ex-ministro Ricardo Salles e o presidente Bolsonaro emergem como principais personagens da crise ambiental vivenciada no Brasil. Suas condutas são apresentadas como indicadores do descompromisso do Governo com a redução do desmatamento no país. Os ataques verbais à atuação dos órgãos ambientais, a contradição dos discursos e das ações na política ambiental e os históricos comprometedores desses dois personagens são relacionados com a redução na aplicação de multas ambientais, com a impunidade em crimes ambientais e com o aumento do desmatamento na Amazônia. Mesmo a mudança recente no comando do Ministério do Meio Ambiente, com a saída de Salles e a entrada de Joaquim Leite, não é sinal de esperança para a reportagem.

A principal expressão da “política antiambiental” do Governo Federal destacada é o desmonte dos órgãos ambientais, em especial o ICMBio<sup>13</sup> e Ibama<sup>14</sup>. Na narrativa, o desmonte se dá pela redução do orçamento destinado aos órgãos e intervenções em suas estruturas administrativas, impactando negativamente na atuação dos órgãos e no combate ao desmatamento. O silêncio desses órgãos diante dos questionamentos da

<sup>13</sup> Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, uma autarquia em regime especial, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente e integrante do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama).

<sup>14</sup> Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, autarquia federal vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, também integrante do Sisnama.





**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



reportagem é apresentado como um indicador da falta de transparência e de diálogo com a imprensa.

A classe “O desmatamento em dados” representa a estratégia de uso de dados e estudos na construção narrativa da reportagem em um recorte temporal. Esses elementos exercem função contextualizadora importante, dando a dimensão em termos de números e *rankings* da grave situação do desmatamento na Amazônia. As palavras “mês”, “ano”, “Km<sup>2</sup>” e “recorde” são algumas das com maior aderência à classe.

As fontes dos dados e das pesquisas são institutos de pesquisas, órgãos governamentais e ONGs. Busca-se trazer a legitimidade dessas instituições, seu reconhecimento pelo público, para a narrativa construída. O viés preponderante, como é destacado em outra classe que detalho adiante, é o do âmbito econômico, mais especificamente do impacto do desmatamento na agropecuária. O que se apresenta é um cenário preocupante diante do avanço descontrolado do desmatamento, do conseqüente desequilíbrio no ciclo hídrico da região e das perdas financeiras nos setores produtivos. É ainda apontado, de forma pontual, as conseqüências para a população em geral ao relacionar o aumento do desmatamento com a crise hídrica vivenciada pelo país, gerando aumento na tarifa de energia. Em diálogo com a classe “Política ambiental e repercussão na Amazônia”, o Governo Federal é apontado como principal responsável pela situação.

Não apenas na agricultura e pecuária, o descontrole e a ineficiência do governo federal diante da crise ambiental intensificada no Brasil desde o ano passado, quando o desmatamento anual da Amazônia Brasileira atingiu 11 mil quilômetros quadrados, índice recorde desde 2008, tem gerado insegurança e reação dos mercados internacionais. Investidores já se mobilizam e anunciam impetrar sanções à União, caso o cenário de degradação ambiental não seja revertido. (LEIROS, 2021d, p. 14)

A apresentação do contexto por meio de dados apresenta limitações na reportagem. Não há a presença na narrativa de dados e pesquisas que deem conta dos impactos do desmatamento para os pequenos agricultores familiares, para a população ribeirinha e indígena, que dependem da manutenção da floresta para sobrevivência. Tais elementos poderiam contribuir para a compreensão da complexidade do cenário do



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



desmatamento e das mudanças climáticas em uma perspectiva micro, cotidiana, da Amazônia.

A classe “Perdas econômicas e ciclo da água” representa a base narrativa da reportagem, que faz o recorte do impacto econômico do desmatamento na Amazônia. Os títulos (“Amazônia cobra a fatura”, “Baque na economia”) e subtítulos (“Perda da safra”, “Investimentos”) indicam que o foco principal da reportagem se estabelece sobre como a devastação da floresta significa perdas financeiras.

O termo “econômico”, destacado na classe, é significativo dessa abordagem. Há uma preocupação em apresentar a materialidade do impacto negativo na economia a partir de dados que contextualizem a perda financeira para agropecuária:

O constante e crescente desmatamento na Amazônia Legal Brasileira poderá gerar perdas de receita de US\$ 5,6 bilhões para o mercado da soja e US\$ 180,8 bilhões para a produção de carne bovina na região, até 2050. Em reais, nos valores atuais, o montante das perdas econômicas chegaria a R\$ 27 bilhões e R\$ 888 bilhões, respectivamente. (LEIROS, 2021a, p. 09)

A perspectiva econômica da reportagem está centrada, em especial, nos grandes produtores da agropecuária. Os pequenos produtores, agricultores familiares, ribeirinhos, indígenas não encontram um espaço significativo na narrativa. A matéria “Povos da Floresta sentem impactos” busca dar conta de reportar a situação e o impacto do desmatamento em comunidades locais, mas a limitação de apenas uma fonte que representa essa população e a falta de dados dessas realidades restringem a contextualização da temática econômica para além do agronegócio.

A reportagem também estabelece a relação entre economia e desmatamento por meio da noção de ciclo. A narrativa explica os ciclos naturais da água na Amazônia, os chamados “Rios Voadores”, para mostrar como a interferência humana (o desmatamento e as queimadas) resulta em desequilíbrio e, por consequência, impacto econômico. Assim, notas-se o esforço de relacionar humano-natureza, pressuposto de uma compreensão complexa da realidade.

A Floresta Amazônica funciona como um organismo com inter-relações e estas são afetadas pelo desmatamento. Com a perda da cobertura florestal, os ecossistemas se desequilibram e ficam, ainda mais, sujeitos a um ciclo de



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



imprevisibilidade, como chuvas mais intensas ou períodos de seca mais longos. (LEIROS, 2021c, p. 13)

A classe “Ações e desafios estaduais” traz em seu bojo o cenário local dos estados localizados na Amazônia Legal. Essa classe está fortemente relacionada com a classe “Desmatamento nos territórios da Amazônia Legal”, que apresenta os vocabulários mais próximos da temática ambiental, mais especificamente do desmatamento. Essas duas classes, portanto, representam o âmago da reportagem, que se propõem a entender os efeitos econômicos do desmatamento na Amazônia Legal.

Na classe “Desmatamento nos territórios da Amazônia Legal”, os territórios e as terras desses estados são apresentados a partir das ações ilegais de grileiros, garimpeiros e madeireiros. Eles são tratados na narrativa como os principais agentes locais responsáveis pelo desmatamento na região, enquanto as figuras de Salles e Bolsonaro representam os principais atores relacionados ao avanço do desmatamento em um cenário nacional. Os grileiros recebem especial atenção na reportagem, que busca explicar a origem da atividade e suas relações com o ambiente político atual do Brasil. Há uma preocupação em mostrar como instrumentos políticos e jurídicos estão sendo utilizados para beneficiar as atividades desses agentes locais e, conseqüentemente, incrementar as taxas de desmatamento na Amazônia como o Projeto de Lei 2633/20, conhecido como “PL da Grilagem”, e o Novo Marco Temporal. A reportagem aponta a ameaça que esses instrumentos representam para as terras indígenas.

**Projetos ambientais**

Tramitam na Câmara dos Deputados e no Senado Federal projetos de lei que causam particulares preocupações às questões ambientais e também indígenas. Chamado de “PL da Grilagem”, o Projeto de Lei 2633/2020 altera pontos críticos da legislação e é considerado uma forma de legalizar, principalmente, terras ocupadas por grileiros. (LEIROS, 2021e, p. 16)

O vocabulário que emerge da classe “Ações e desafios estaduais” também apresenta uma forte ligação com o contexto regional e traz palavras que apontam a contextualização da realidade dos estados que compõem a Amazônia Legal. As palavras “fiscal”, “ambiental” e “crime” se destacam nessa classe. A reportagem dedica especial atenção à área conhecida como arco de desmatamento, com uma matéria



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



específica para apresentar os esforços empreendidos pelas administrações estaduais, por meio das secretarias de meio ambiente, no combate ao desmatamento nessa área. Existe uma preocupação em elencar as ações realizadas, a partir de entrevistas com secretários, e os desafios que se apresentam nessa empreitada. Os secretários encontram na reportagem um espaço de expressão importante.

Atores e ações importantes no combate ao desmatamento em âmbito estadual, as falas dos secretários é essencial para a contextualização do desmatamento e seu impacto econômico em âmbito regional, assim como de pesquisadores e organizações não governamentais, que também encontram espaço na reportagem. Porém, há uma limitação na narrativa de outras vozes igualmente essenciais para compreender esse cenário. É o caso de representantes de movimentos sociais, lideranças ribeirinhas e indígenas, de agricultores familiares, entre outros atores que vivenciam cotidianamente a realidade do avanço do desmatamento, das ameaças e atividades de agentes ilegais e a deficiência de ações e políticas públicas do poder público. Como já foi dito, a reportagem busca dá conta dessa representação em uma matéria específica com o relato de uma fonte local, mas o espaço é muito restrito para promover uma efetiva pluralidade de vozes.

### **Conclusão**

Ressalto que este estudo não se propõe a ser um indicador da qualidade da cobertura jornalística e do jornalismo ambiental praticado pela Revista Cenarium. A análise de apenas uma reportagem não dá conta de captar todas as variáveis que se interpõem nas etapas anteriores ao produto final (levantamento de pauta, condições de produção, edição etc.) nem processos e relações que atuam no âmbito institucional (perfil editorial, relações de trabalho, relações com investidores e fontes etc.).

Com base na análise da reportagem “Custo Devastação” da Revista Cenarium, é possível identificar esforços de contextualização da temática do desmatamento na Amazônia Legal, bem como a transversalidade com outros temas como política e, de forma destacada, economia.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



A reportagem traz para a narrativa o contexto político do Governo Bolsonaro para compor o cenário de impunidade e estímulo à prática do desmatamento, bem como de desmonte de órgãos ambientais fundamentais para a preservação da floresta. Esse contexto político funciona como uma base para compreender que o desmatamento é um fenômeno que não se explica apenas por fatores locais. A reportagem aponta o ex-ministro Ricardo Salles e o presidente Jair Bolsonaro como os principais personagens no âmbito nacional para a crise ambiental. E as atividades ilegais de garimpeiros, madeireiros e grileiros como responsáveis locais pelo aumento do desmatamento na Amazônia.

Há uma preocupação em contextualizar o desmatamento e seu impacto na economia por meio de dados e pesquisas. Esse aspecto é importante para fornecer aos leitores uma visão mais concreta da crise ambiental que se vive hoje no Brasil. Os dados se referem a um cenário mais macro da realidade, mas a reportagem não aprofunda essa contextualização para um âmbito mais micro, da realidade de pequenos produtores e de populações da floresta, o que representa uma limitação no aprofundamento da contextualização.

Também identifico como um fator limitante na contextualização o espaço tímido para vozes de populações indígenas, ribeirinhas, lideranças de movimentos sociais e outros atores sociais que também são afetados pelo desmatamento na região. Percebe-se que reportagem buscou ouvir diferentes fontes (cientistas, gestores estaduais das secretarias ambientais, representantes de organização não governamental), mas apenas uma única fonte fala sobre os impactos do desmatamento para os povos da floresta. A pluralidade de vozes – aqui entendida não como quantidade, mas como um esforço de representar diferentes formas de pensamento e experiências – é um fator importante para a contextualização de temas em uma reportagem e para a compreensão do real a partir da perspectiva da complexidade.

Por fim, destaco que a reportagem busca realizar o exercício da complexidade ao tratar o desmatamento na Amazônia articulando o tema com outras questões da sociedade, tecendo os fios de conexão entre o humano e a natureza e retratando a



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



floresta como um ambiente cíclico e conectado, onde as partes e o todos se afetam mutuamente. Outras pesquisas são necessárias para aprofundar, compreender e identificar se esse exercício intelectual da complexidade possui abrangência para o jornalismo ambiental desenvolvido pela Revista Cenarium.

### **Referências bibliográficas**

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para o uso do software Iramuteq**: Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, 2018. Disponível em: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>. Acesso em: 08 nov. 2019.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas. Ampliação e transversalização da pauta ambiental no Jornal Nacional. In: FERNÁNDEZ-REYES, Rogelio; RODRIGO-CANO, Daniel, GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. **Comunicación y cambio climático**: Contribuciones actuales. [S. l.]: Ediciones Egregius, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1sKQmMjS-SSQAYZEO85JP72qMCWfPiCiN/view>. Acesso em: 25 ago. 2021.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHAWAAB, Reges; MASSIERER, Carine; LOOSE, Eloisa Beling. Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 131-152, 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5632>. Acesso em: 27 jun. 2020.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/teoria-e-tecnica-do-texto-jornalistico/>. Acesso em: 24 out. 2021.

LEIROS, Marcela. Amazônia cobra a fatura. **Revista Cenarium**, Manaus, ano 02, n. 13, p. 08-09, jul. 2021a.

\_\_\_\_\_. Desmatamento galopante. **Revista Cenarium**, Manaus, ano 02, n. 13, p. 10-11, jul. 2021b.

\_\_\_\_\_. “Rios Voadores”. **Revista Cenarium**, Manaus, ano 02, n. 13, p. 11-13, jul. 2021c.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



\_\_\_\_\_. Baque na economia. **Revista Cenarium**, Manaus, ano 02, n. 13, p. 14-15, jul. 2021d.

\_\_\_\_\_. Desmonte e “boiada”. **Revista Cenarium**, Manaus, ano 02, n. 13, p. 16-19, jul. 2021e.

\_\_\_\_\_. Esforços estaduais. **Revista Cenarium**, Manaus, ano 02, n. 13, p. 20-23, jul. 2021f.

\_\_\_\_\_. Povos da floresta sentem impactos. **Revista Cenarium**, Manaus, ano 02, n. 13, p. 24-25, jul. 2021g.

\_\_\_\_\_. Previsão: fogo!. **Revista Cenarium**, Manaus, ano 02, n. 13, p. 26-27, jul. 2021h.

LÜCKMAN, Ana Paula; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. Contexto e contextualização no Jornalismo: uma proposta conceitual. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, jul-dez 2017. p. 162-174. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p162>. Acesso em: 16 out. 2021.

MAPBIOMAS. **Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2020**. São Paulo, 2021. Disponível em: <http://alerta.mapbiomas.org>. Acesso em: 28 out. 2021.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

SALVIATI, Maria Elizabeth. **Manual do Aplicativo Iramuteq**: versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3. Planaltina, DF: Iramuteq, 2017. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabethsalviati>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SCHWAAB, Reges. Jornalismo, ambiente e reportagem ampliada. In: GIRADI, Ilza Maria Tourinho et. al. **Jornalismo ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.